

Vinte de março no Rio de Janeiro.

Um Mitsubishi percorria a avenida Nossa Senhora de Copacabana, em meio ao trânsito intenso do fim de tarde. O comércio fechava suas portas e levas de pessoas dirigiam-se aos pontos de ônibus, de onde retornariam às suas casas, após mais um dia exaustivo de trabalho. Por entre os altos edifícios e os transeuntes que faziam suas últimas compras do dia, o carro seguia seu trajeto. Copacabana era um lugar interessante para se admirar, com seus letreiros iluminados e sua atmosfera cosmopolita. Sem dúvida, o bairro mais diversificado e curioso da cidade, onde o bucólico e o caótico conviviam em pé de igualdade, sem se confrontar.

Ninguém parecia notar o automóvel que driblava os ônibus e, em manobras audazes, desviava-se de tudo à frente. Havia apenas o motorista em seu interior, um vulto sombrio, opaco e difuso, por trás dos vidros revestidos de película. O destino era o MAM, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Parque do Flamengo, onde, naquele mesmo instante, autoridades e membros da alta sociedade e dos círculos artístico e intelectual compareciam à abertura da exposição retrospectiva do excêntrico artista plástico carioca José Elias Aboud, conhecido como Zé Abude.

Prestigiadíssimo no exterior, com exposições concorridas em Tóquio, Santiago, Milão, Barcelona, Porto, entre outras cidades, Zé Abude desembarcara no Brasil proveniente da Alemanha, onde era radicado, especialmente para a mostra de seus últimos trabalhos, entre telas a óleo, pastéis e gravuras, curiosos sob o ponto de vista artístico, pois resultavam de uma interpretação bastante peculiar do abstracionismo, ao mesmo tempo que ostentavam elementos figurativos tradicionais. A intenção deliberada do artista, a julgar por toda a temerária miscelânea de estilos e tendências tão antitéticas era confundir a mídia e deixar pasma a classe média, no seu entender, "conservadora, puritana e reacionária". Segundo ele próprio, seu estilo seria algo como uma "perspectiva conceitual da pós-contemporaneidade" com ecos de uma "metafiguração neoabstrata desconstrutivista" por absorver nuances de movimentos pictóricos variados como o cubismo, o concretismo e o minimalismo, além de contar com "uma inspiração cósmica regida pelos astros e discos voadores". Também era dele

a controversa série *Vasos Capilares*, recipientes feitos de cabelos naturais entrelaçados, cuja primeira aparição, numa individual no Fehrenbach Kunstsalon, em Düsseldorf, provocara calafrios no vetusto crítico Hermann Schuhler que, na época, definiu-a como "o retrato mais fiel da estupidez que a perversão da mente humana jamais concebeu. (...) A simbiose perfeita entre a mediocridade presunçosa e o vácuo cerebral de um débil e ridículo ególatra, que agora nos dá a prova maior de não possuir capacidade sequer para tapear o público mais tosco". Abude odiava os críticos e chegou a fornecer aos administradores do MAM uma relação das pessoas que ele desejava ver proibidas de comparecer ao *vernissage*, ainda que portassem convites, o que foi solenemente ignorado. Hermann Schuhler, seu vizinho de bairro em Colônia e desafeto número um, certamente acharia graça caso descobrisse que seu nome figurava no topo da malfadada listagem.

Subitamente, uma movimentação de seguranças tomou os jardins ao redor do prédio, quando a limusine preta trazendo o chanceler do Líbano e sua esposa deteve-se diante do tapete vermelho que dava as boas-vindas aos convidados. Em visita oficial ao Brasil, Edmond e Hoda Khazen fizeram questão de marcar presença no *vernissage*, pois não apenas Zé Abude era descendente de libaneses, como também eles próprios eram proprietários de uma de suas telas mais famosas, *A Sultana Adormecida*, que mostrava o cair da noite na capital libanesa, Beirute.

O casal foi recebido ainda nos pilotis do museu pelo prefeito do Rio de Janeiro, que os acompanhou ao segundo andar, onde acontecia a festa. Ao serem apresentados a Zé Abude, Edmond e Hoda Khazen não puderam deixar de notar sua extravagante indumentária, que contrastava nitidamente com a sobriedade das roupas que usavam. Não bastassem a calça de veludo xadrez e o paletó laranja, Abude ainda havia tingido suas madeixas mais altas de amarelo, pintado as unhas de preto purpurinado e colocado um *piercing* no nariz e dois na orelha esquerda. A despeito da boa acolhida de seus trabalhos, ele era, inegavelmente, o grande chamariz da festa, centro de todas as atenções e comentários. Depois de conversarem por vários minutos, o casal Khazen desejou-lhe boa sorte e afastou-se para percorrer a exposição.

Por toda parte, ressonava o burburinho de vozes animadas, entrecortado pelo tilintar das *flûtes* de champanhe e por uma ou outra risada feminina mais escandalosa. Em dado momento, as portas que levavam aos terraços foram abertas, franqueando aos convivas o acesso à idílica vista noturna dos arranha-céus iluminados do Centro da cidade, embalados pelo frescor da brisa adocicada que soprava do mar. Formal, o chanceler Khazen deu atenção a todos os que o abordaram e não disfarçou sua surpresa ao descobrir que a alta sociedade carioca abrigava um número expressivo de libaneses e seus descendentes. Ele acabou comprando um dos quadros à mostra e convidando Abude para expor no Líbano no ano seguinte, o que foi aceito no ato. O evento aproximava-se do fim e tudo

indicava que ele encerraria com chave de ouro a agenda cultural carioca daquele verão. Mas, a noite ainda não havia terminado.

Quatro horas depois de cruzar a avenida Copacabana, o Mitsubishi permanecia oculto nas sombras arborizadas das cercanias do museu. Às dez em ponto, quando Edmond e Hoda Khazen deixaram a exposição e entraram na limusine, um botão foi acionado e ocorreu a tragédia que colocaria início a um período dos mais conturbados no dia-a-dia do Oriente Médio em todos os tempos. Bem longe da exuberância tropical do Rio, o alvo era muito maior e o mundo não tardaria a tomar conhecimento.

* * *

O quarto ainda estava às escuras, mas os primeiros filetes do sol nascente começavam a se infiltrar discretamente pelas frestas da janela, invadindo pouco a pouco a intimidade do sono em seus últimos instantes.

O general Euzébio Vianna, que ainda dormia, remexeu-se nervosamente na cama, mas só despertou de fato quando viu o relógio digital na mesa-de-cabeceira marcar seis e dezenove.

— A droga do despertador...! — resmungou.

Sua mulher não precisou mover uma pestana para lhe dizer o de sempre:

— Ele funcionou perfeitamente. Você deve estar ficando surdo.

Vianna soltou uma gargalhada. Leonor conseguia ser espirituosa a qualquer instante do dia, mesmo quando dormia. Muito a contragosto, ele afastou o lençol e sentou-se na beirada da cama, os olhos pesados ainda reféns da indolência que separava o estado de letargia do ato de acordar. Observou suas mãos sulcadas e plissadas pela pátina avassaladora do tempo e, mais uma vez, sentiu a idade pesando-lhe nas costas. Foi imediatamente assaltado por uma sensação de desconforto que vinha se tornando cada vez mais comum no decorrer dos últimos meses. Resultado, talvez, das sucessivas aprendizagens da maturidade que, agora, geravam uma perspectiva desanimadora de futuro.

Há três meses completara sessenta e três anos. Não se conformava com a passagem relâmpago do tempo. Olhava para trás e contemplava melancólico o próprio passado, ciente de que era inútil lamentar-se por não haver sido capaz de acompanhar o ritmo implacável do calendário e desfrutar o melhor da vida, enquanto os anos permitiam. A idade era uma realidade pungente, uma armadilha cruelmente inevitável, à qual ele custava a se adaptar. Se, por um lado, ela instituíra novos paradigmas e decantava valores, por outro, impunha limitações que, para um homem como ele, eram incômodas. Vianna já não corria a orla de Copacabana de ponta a ponta como no passado, sua memória não trabalhava mais com a agilidade de antes e seu corpo volta e meia teimava em desobedecer a um horário cultivado por décadas. Se programava o despertador para tocar às cinco e cinquenta, sabia que somente depois de meia-hora conseguiria levantar-se, dando-

se conta de que não era mais o soldado que ingressara nas Forças Armadas no início dos anos sessenta, transbordante de disposição e de vontade de servir à pátria. Desiludira-se com a carreira militar, era verdade; ele próprio chegara a admitir isso perante seus superiores em outros tempos. A vida havia mudado e Vianna tinha plena consciência de que não era mais o mesmo. Para ele, o maior desafio da ciência e da humanidade era o de, um dia, conseguir proporcionar ao ser humano a união equilibrada entre a energia da juventude e a sabedoria e experiência da idade madura. Conselheiro do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra, o general-de-divisão Euzébio Vianna era hoje muito mais um intelectual de gabinete do que um combatente armado nas ruas e, logicamente, esta posição era para ele uma fonte inesgotável de orgulho, muito embora, por vezes, lamentasse a perda de ação característica de tempos passados.

A vida era mesmo muito contraditória, pensou, enquanto lavava o rosto na pia do banheiro a fim de afugentar os últimos resquícios do sono que relutava em abandoná-lo. Quando era jovem, aspirava ao mundo; havia tantas realizações a serem alcançadas que chegara até mesmo a perder-se no caminho. Quando essas aspirações, após muita luta, foram enfim concretizadas, sua cabeça pareceu virar do avesso e uma nostalgia incômoda daquela época de sonhos e planos maravilhosos passou a acompanhá-lo todos os dias, levando-o a venerar os anos das conquistas suadas, de onde vislumbrava um prêmio distante e sedutor. E que prêmio era esse, afinal ? Vianna fazia esta pergunta todas as noites, quando programava o relógio para despertar às cinco e cinquenta, sabendo que não abriria os olhos antes de o sol se firmar no céu.

Leonor levantou-se em seguida, quando Vianna já havia saído do banheiro. A empregada costumava chegar às oito, mas Vianna não podia esperar pelo café da manhã que não sairia antes das oito e meia. Tinha, naquela manhã, uma reunião no Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste, no Centro, convocada na noite anterior, sem nenhum motivo aparente.

— Você soube se aconteceu alguma coisa na cidade, Leonor ? — perguntou o general.

Leonor vestia um robe de seda que lhe caía muito bem. Improvisava, naquele momento, uma refeição rápida para que Vianna pudesse sair o quanto antes. Os dois sentaram-se na sala de jantar. Ela respondeu :

— Não liguei a televisão no noticiário das onze ontem. Com certeza, mais algum seqüestro. Talvez tenha saído alguma coisa no jornal de hoje...

— Imagino que sim — resmungou Vianna. — Só que, para variar, o jornal de hoje ainda não chegou. O nosso prédio deve ser o último de todo o Posto Seis a receber a visita desse bendito entregador. Já me queixei várias vezes mas parece que não adiantou nada. Acho que ele atrasa de propósito, só para me deixar irritado.

Leonor estendeu a toalha sobre a mesa e distribuiu os descansos.

— Então, por que não cancela a assinatura ? — indagou ela. — Todo dia de manhã, um dos porteiros aqui do prédio vai até a banca do outro lado da rua, comprar os jornais para a Dona Hilda do quarto andar. Podemos pedir a ele para trazer para nós também e, assim, acaba essa agonia do entregador.

— É uma idéia. Vou pensar nisso depois. — ele perguntou, então: — O que temos hoje para o café da manhã ?

— Você ainda precisa tomar banho — lembrou Leonor.

Vianna suspirou. Leonor adorava lhe chamar a atenção, como se ele ainda fosse um adolescente impúbere e incapaz de cumprir as mais simples tarefas cotidianas, como tomar banho, pentear o cabelo e escovar os dentes. Não demoraria muito e ela estaria lhe dando comida na boca.

— Tomo banho depois — respondeu Vianna. — Já que não vou conseguir ler o jornal mesmo, pelo menos tenho mais tempo para o café. O que temos, afinal ?

Leonor aquiesceu e enumerou os pratos, apontando-os, um a um, sobre a mesa na sala de jantar :

— Temos café solúvel, torradas, geléia de framboesa, mamão papaia e um ovo quente.

Vianna fez uma careta.

— Você sabe que eu detesto café solúvel.

— Então teremos torradas, geléia de framboesa, mamão papaia, ovo quente e água, porque nossa despensa está totalmente vazia. Só tem dois pacotinhos de caldo de galinha e uma lata de azeite.

Vianna remexeu-se na cadeira.

— Não tem nem um pouquinho de leite na geladeira ?

Leonor abanou a cabeça:

— Não. Mas, a empregada deve estar chegando e eu já combinei com ela que faríamos compras no supermercado hoje. Até lá, meu velho, você vai ter que se contentar com o que está aí. Amanhã, prometo que o cardápio será menos árido.

Vianna resolveu calar-se, resignado. Bebeu o café contraíndo toda a musculatura do seu rosto, e ainda por cima o ovo demorou demais na fervura, acabando por cozinhar. Leonor caminhou até a janela da sala que dava para a rua Joaquim Nabuco e avistou o movimento de automóveis em Copacabana.

Vianna terminou de comer e foi se aprontar, pois a reunião no Palácio seria às nove e meia e o trânsito em direção ao Centro da cidade costumava piorar a cada avançar de minutos. Entre sete e dez da manhã, o sentido da rua Joaquim Nabuco era invertido juntamente com as pistas de automóveis na orla marítima junto aos edifícios, do Leblon até o final de Copacabana, devido à hora do *rush* matinal em direção ao Centro da cidade, o que encurtava um pouco o trajeto de Vianna que não precisaria, pois, contornar a rua Raul Pompéia até a rua Francisco Otaviano, o que ele chamava, exageradamente, de “a volta ao mundo em oitenta dias”.

Logo irrompeu na sala vestido com sua farda bege, muito perfumado e bem arrumado, com os cabelos grisalhos, quase brancos, rigorosamente penteados. Leonor estava sentada no sofá, terminando um romance de Ana Miranda sobre Augusto dos Anjos. Sem desviar a atenção das páginas, ela perguntou em tom provocativo:

— Quem é ela ?

Vianna a princípio não entendeu:

— Ela, quem ?

Leonor olhou-o com deboche e ele, então, caiu em si:

— Com certeza, para você e a sua mente poluída, o Palácio Duque de Caxias tornou-se um castelo de raparigas... Pode deixar, meu bem, que eu não vou me encontrar com nenhuma amante... Como se isso ainda fosse possível para alguém que nem mais consegue obedecer ao despertador.

Leonor deu de ombros e baixou novamente os olhos para o livro. Vianna, quepe sob o braço direito, despediu-se e, conduzindo seu carro, deixou a garagem do imponente Edifício Excelsior, uma pérola *art déco* encravada a dois passos da esquina com a avenida Copacabana. O movimento na rua Joaquim Nabuco ainda não era intenso e em poucos segundos ele atingiu a avenida Atlântica, descortinando a deslumbrante e cintilante paisagem da enseada de Copacabana. Ao cruzar o Parque do Flamengo, não notou a montanha de ferro retorcido e carbonizado jazendo defronte ao Museu de Arte Moderna, interditado pela polícia e vigiado por soldados armados dispersos pelo jardim. O museu ficou para trás e Vianna, alheio a tudo, respirava naquele momento os últimos dias do calor abrasador na Cidade Maravilhosa, antes dos primeiros ventos do outono.

* * *

O Palácio Duque de Caxias era uma majestosa construção da primeira metade do século XX, antiga sede do Ministério da Guerra nos tempos em que o Rio era a capital federal. Ainda hoje era reconhecido como um dos principais centros de articulações militares no país.

Ignorando o que seria tratado no encontro e sem se preocupar minimamente com isso, Vianna não levou mais do que dois minutos para estacionar o carro no pátio situado nos fundos do Palácio. Como de costume, contornou o prédio até a entrada principal, de onde avistava-se o panteão ao duque de Caxias e conferiu a hora no relógio da torre da vizinha estação da Central do Brasil. A reunião estava marcada para as nove e meia, e ele subiu imediatamente. O ministro da Defesa, general Oswaldo Bernardelli, acompanhado do comandante militar do Leste, general Milton Simões, o aguardava na sala de reuniões, um cômodo grande de mobiliário pesado e ares espartanos. Ao entrar, Vianna cumprimentou-os efusivamente, a despeito do ar austero que ali reinava. Aliás, ele era o único entre

eles que ostentava algum vestígio de alegria. O general Bernardelli convidou-o a sentar-se:

— O senhor deve estar estranhando o fato de termos convocado essa reunião às pressas no fim da noite de ontem — começou Bernardelli, colocando as mãos para trás e empertigando o tronco. Vianna balançou a cabeça afirmativamente. Bernardelli prosseguiu: — Muito embora tenhamos assuntos gravíssimos de segurança para tratar freqüentemente nesta cidade, não poderíamos de forma alguma ignorar outras ocorrências, de peso significativamente mais irrelevante em nível interno, mas que, ainda assim, possuem um grau de gravidade irrefutável.

Vianna ouvia atento. Sentia que algo mais sério tinha ocorrido, mas sua expressão continuava a mesma de quando entrara na sala.

— General Vianna, eu convoquei o senhor para essa reunião, pois sei de seu talento como estrategista. O general Simões tem me mantido informado sobre a sua atuação junto ao serviço de inteligência da polícia no planejamento e no conjunto de ações com vistas a pôr fim à situação crítica de violência urbana que tem vivido a nossa querida cidade do Rio.

Vianna sentiu o rosto corar. Tinha convicção do seu talento, mas um elogio vindo do ministro da Defesa estava longe de ser um elogio qualquer.

O general Simões tomou a palavra :

— Vamos ser mais objetivos. — Virou-se para Vianna: — Com certeza, o senhor já está a par do ocorrido na noite de ontem, estou certo ?

A expressão de Vianna fechou bruscamente.

— Eu costumo me deitar cedo, não ligo a televisão depois de dez da noite — explicou-se — Os senhores podem ter a bondade de me relatar ?

Foi o próprio general Simões quem o fez:

— O chanceler do Líbano Edmond Khazen e sua esposa Hoda, em visita oficial ao Rio, participavam do coquetel de abertura da retrospectiva do artista plástico Zé Abude no Museu de Arte Moderna, na noite de ontem. Ao deixarem a festa, entraram na limusine cedida pelo governo brasileiro e poucos metros adiante o veículo foi pelos ares.

Vianna ficou atônito. O general Simões completou:

— Um atentado a bomba, general Vianna. Houve um atentado a bomba contra uma autoridade estrangeira em nossa cidade. O senhor tem idéia do que isso significa ?

Vianna não cometeu a gafe de perguntar se o chanceler havia morrido, pois a resposta era óbvia. Carros-bomba não eram práticas usuais no Rio, e talvez esse tivesse semelhanças com o que arrasou a embaixada de Israel em Buenos Aires, em 1992. Se bem que o alvo agora era árabe e não israelense.

— Alguma organização terrorista reivindicou a autoria ? — perguntou Vianna.

— Até o momento, não — respondeu o general Bernardelli. — Em primeira análise, ninguém teria interesse em liquidar um membro do governo libanês nessas circunstâncias. É um fato de grande estranheza.

— O senhor tem suspeitos ?

— São muitas organizações. De qualquer maneira houve um propósito, que ainda desconhecemos. Afinal de contas, um atentado dessa natureza não ocorreria sem mais nem menos. Não foi uma brincadeira de São João.

O general Simões quase soltou uma risada ante o humor sarcástico de Bernardelli, mas conteve-se. Bernardelli prosseguiu sua explanação:

— Sem dúvida, foi um ato planejado com antecedência, pois a visita do ministro Khazen ao Brasil estava acertada desde meados de fevereiro. Ele desembarcou em Brasília, no dia dezoito. Chegou ontem ao Rio e hoje à tarde seguiria para São Paulo, onde permaneceria até amanhã.

— Na sua opinião, então, o atentado teria sido planejado no Líbano ? — indagou Vianna.

— Ou em algum outro país da região, suponho. Ainda não há pistas. Tudo o que se sabe é que a bomba foi acionada por controle remoto e que foi colocada no veículo pouco antes da explosão, pois o carro tinha sido rigorosamente vistoriado minutos antes da ida do ministro ao MAM. Também não há testemunhas, pois as únicas pessoas que talvez pudessem ter tido algum contato com o ou os criminosos, foram mortas com o chanceler e sua esposa. No caso, o motorista e os seguranças que os acompanhavam. Ninguém sobreviveu.

— Mas, se eles eram responsáveis pela segurança, deveriam ter se certificado de que não havia nenhum risco e, assim, evitado que pessoas estranhas se aproximassem do veículo. — argumentou Vianna, achando que dissera algo até então não cogitado.

— Esse é um dos grandes mistérios — disse Bernardelli, parecendo ainda mais intrigado. — Se todos morreram, não há testemunhas, pelo menos até o momento. E até que se descubra alguma coisa, se é que isso irá acontecer, o assassino já estará bem longe do Rio, talvez até aproveitando o final do inverno no Hemisfério Norte, para esquiar tranqüilamente nas montanhas do Líbano.

Foi a vez de Vianna achar graça no sarcasmo do ministro, mas não deixou transparecer.

— O que consta é o seguinte — interveio o general Simões: — um diplomata estrangeiro foi assassinado no Brasil e a elucidação do crime está sob nossa responsabilidade. É uma circunstância extremamente grave, um problema a mais com o qual teremos de lidar daqui para frente. Não podemos esquecer que um atentado nessas circunstâncias, ocorrendo numa cidade distante do Oriente Médio, insere definitivamente a América do Sul, mais precisamente o Brasil, na rota do terrorismo fundamentalista, processo que teve início na Argentina em 1992.

— Mas, na Argentina, os alvos foram judeus... — acrescentou Vianna.

— Sim, exato — endossou Bernardelli. — Contra a embaixada de Israel e a Associação Mutual Israelita, para ser mais preciso. Aqui também houve aquele atentado contra a sinagoga, anos atrás. Isso não interessa tanto. O fato é que ontem à noite ocorreu um crime bárbaro na cidade, o alvo era uma pessoa importante, existe um responsável e é isso o que precisamos apurar o mais depressa possível. Não temos um segundo a perder.

O que Vianna ainda não conseguia compreender era o porquê da sua presença naquele encontro. O certo seria o assunto ser discutido entre os membros do Alto Comando, em Brasília. Bernardelli e Simões eram enfáticos ao expor a natureza e a gravidade do crime, mas não usavam da mesma clareza para explicar qual o papel que lhe caberia numa provável operação de caça a terroristas. E, para piorar a situação, apelavam para um linguajar empolado e demasiadamente rebuscado, mais apropriado a uma convenção de intelectuais narcisistas ou a um Bloomsday, a famosa festa anual em que os apreciadores da prosa de James Joyce reuniam-se para celebrar a ininteligível obra-prima do mestre irlandês: *Ulisses*.

— Na realidade, general Vianna — prosseguiu Bernardelli —, o motivo que nos fez vir aqui diz respeito ao encaminhamento que iremos dar ao referido caso. Naturalmente alguma organização local irá reivindicar a autoria do atentado. Todavia, é nosso dever como responsáveis pela segurança nacional tomar providências prementes a fim de mostrar à população e ao mundo que aqui há lei.

Vianna não via a menor possibilidade de se descobrir coisa alguma, ao menos a curto prazo. Desconfiou que Bernardelli o escalaria para liderar as investigações, o que não lhe agradava muito. Se havia algo que o incomodava profundamente era ver os seus superiores decidindo sobre seu futuro sem consultá-lo. Ofereciam-no aos leões, imaginando que um pouco de bajulação e uma pitada de elogios rasgados à sua capacidade intelectual e ao seu talento como estrategista resolveriam a questão. Vianna detestava ser bajulado, e todo elogio soava-lhe falso e salafatório. Teve muita vontade de confessar isso antes de deixar a sala. Por pouco não o fez.

* * *

Era início da manhã em Nova York, quando Alberto Borges Navarro, setenta anos, envergando um elegante terno cinza chumbo e sobretudo preto saltou de uma limusine no estacionamento subterrâneo do edifício da Organização das Nações Unidas, onde exercia o cargo, nada desprezível, de secretário-geral. O local era fechado, mas ele sentia como se o vento frio exterior continuasse a enregelar suas orelhas. Praguejou silenciosamente contra o inverno que não acabava, antes de bater a porta do carro e encaminhar-se para tomar o elevador até seu gabinete, no 38º andar.

Levava consigo uma pasta preta, um exemplar do *The New York Times* e outro do *El Universal*, de Caracas. Recebia ambos os jornais em casa pela manhã,

sabendo que só conseguiria imergir numa leitura mais detalhada depois do almoço. Nem por um instante deu-se conta do atentado no Rio de Janeiro, estampado em letras garrafais, na primeira página do *Times*.

Checou o relógio de pulso e viu que chegara mais cedo do que de costume. Tinha, portanto, tempo suficiente para instalar-se com calma em sua mesa e tomar uma xícara de café, para, ao menos, aquecer-se um pouco. Embora o sistema de calefação do prédio fosse bastante eficiente, para um oriundo da Venezuela como ele, o inverno rigoroso de Nova York seria sempre um tormento beirando o insuportável. Mal entrou em sua sala, seu chefe-de-gabinete veio ao seu encontro.

— O presidente do Conselho de Segurança telefonou há meia-hora. Disse que precisa falar-lhe com urgência.

Navarro deu um suspiro.

— Assuntos urgentes... Sempre que querem falar comigo dizem que o assunto é urgente! Desde que assumi este posto não tem sido de outra forma. — Ele tirou o sobretudo e deixou-se afundar com desânimo em sua cadeira. — Como está o clima hoje aqui no prédio ? Notei uma movimentação anormal.

— Deve ser impressão sua. A única novidade é que o embaixador de Israel nos fez chegar há vinte minutos um comunicado, avisando que o primeiro-ministro não virá mais discursar na Assembléia Geral, como estava previsto. O que, convenhamos, é bem compreensível, depois do que aconteceu ontem.

O secretário-geral alteou uma sobancelha.

— O que quer dizer ?

— O atentado no Brasil. É lógico que o *premier* não iria se arriscar depois de...

— Atentado no Brasil ? — interrompeu ele, atônito. — Mas, que atentado no Brasil ?

Foi a vez de o chefe-de-gabinete espantar-se:

— O senhor não soube do atentado?! Está com um exemplar do *New York Times* nas mãos e não tomou conhecimento?

Navarro pegou imediatamente o jornal e assustou-se por não ter visto antes.

— Minha nossa! Isso é uma loucura. — Ele então desviou os olhos para a mesa e notou um envelope solitário, esperando para ser aberto. Estava endereçado a ele e não trazia remetente.

Uma hora mais tarde, o queniano Lazarus Muyimo, sessenta e oito anos, presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas para o mês de março, emergiu no gabinete do secretariado-geral e encontrou Navarro pálido e agitado. Este tomou-lhe os ombros com as mãos frias e tensas e vociferou:

— Recebi uma correspondência do Rio de Janeiro. O que aconteceu é algo muito mais sério do que um simples atentado. Estamos diante de uma catástrofe.

Muyimo olhou-o perplexo. Fez-se silêncio. Navarro completou:

— Ali Ahmad está de volta.

O trecho acima foi extraído de "Ira Implacável - Indícios de uma Conspiração", de Luis Eduardo Matta, publicado pela Razão Cultural Editora. Copyright © 2002 by Luis Eduardo Matta. Proibida a reprodução total ou parcial, em qualquer meio ou formato, sem a autorização expressa, por escrito, do autor ou da editora.